

Eles apontam para Vialana e gritam um com o outro, seus sorrisos desleixados, lascivos.

O desgosto me invade, misturando-se à raiva até que sinto como se não pudesse respirar.

Observo enquanto eles tiram a tampa de vidro, expondo Vialana por baixo. Ela sibila e se lança sobre eles. Suas garras pegam um dos homens, quase cortando seu braço, e o sangue espirra na água, misturando-se com seu cabelo já vermelho.

O homem grita, cambaleia para trás enquanto segura seu braço balançando, enquanto os outros homens agarram Vialana, rapidamente amarrando seus pulsos com arame.

Ela

se debate em sua caixa, a água ensanguentada se espalha por todo lugar, espirrando meu próprio copo.

Eles a puxam para fora, jogando-a no chão. Eles gritam com o homem com o braço sangrando para enrolar a corda em volta de sua cauda, mas agora, ele está

sentado no canto da sala, respirando lentamente e parecendo pálido.

Outro homem entra na sala agora. Ele nem presta atenção

ao homem ferido. Não, ele vai direto para a Syren e tira seu pênis

de suas calças, longo e de aparência suja. Ele late para os outros homens — um

segura Vialana por trás, segurando seu cabelo, e o outro senta em seu

rabo. Enquanto ela ainda grita, tentando desesperadamente escapar, o recém-chegado monta nela e passa o dedo pela frente de seu rabo, tentando encontrar sua fenda.

Ele grita quando o faz, e Vialana grita novamente enquanto seus dedos

a penetram. Quando seu pênis o faz e ele continua a estuprá-la na

minha frente, seu grito se transforma na canção de sua Syren.

Isso faz com que rachaduras se formem em minha caixa de vidro, fissuras ao longo das janelas

de vigia. Os homens gritam com o som, sangue escorrendo de seus ouvidos, e ainda assim eles continuam prendendo-a, continuam a profaná-la. Quero me virar —Não suporto ver a dor e a humilhação no rosto dela enquanto ela é violada tão horivelmente, mas tenho medo. Tenho que ficar de olho, tenho que ficar vigilante, tenho que descobrir como revidar.

Seus gritos continuam, mais altos agora, e as rachaduras na minha caixa de vidro estão se espalhando, se aprofundando. Um dos homens dá um soco no rosto dela para calá-la

, o que rende um tom de repreensão do outro, como se estuprar fosse legal mas bater não, e enquanto eles estão distraídos, respiro fundo a água suja. Reúno todas as minhas forças e, com um grito meu, empurro o vidro até que ele se estilhaça.

A água jorra rapidamente, enchendo a sala, e eu me debato no chão em cima do vidro quebrado.